

## Como proceder com os livros contra o risco de contágio da COVID -19

As doenças podem ser transmitidas por via direta ou indireta. As de contágio direto se espalham quando os microrganismos passam da pessoa infectada para a pessoa saudável por contato direto, ou seja, quando os indivíduos se tocam, mantêm relações sexuais ou são contaminados com secreções ou feridas da pessoa infectada. É o caso da hepatite B, HIV / AIDS ou herpes genital.

Outras doenças não requerem contato direto entre um indivíduo infectado e um indivíduo saudável, mas são transmitidas indiretamente pela propagação no ar de partículas microscópicas de saliva ou água produzidas pela pessoa infectada ao tossir ou espirrar. Essas gotas podem percorrer pequenas distâncias, geralmente a não mais de dois metros do emissor. Também podem permanecer suspensas no ar por várias horas, como é o caso do sarampo. No entanto, a maioria dessas gotas microscópicas entra em contato com superfícies próximas, como um telefone celular, um copo, um balcão de bar ou um produto colocado em uma prateleira de supermercado. Logicamente, todos os objetos ao redor de pessoas doentes podem ser um foco de infecção, e os vírus passam para indivíduos saudáveis que entraram em contato com os objetos contaminados e depois tocaram seus olhos, nariz ou boca com as mãos. As doenças transmitidas por essa via são, entre outras, varicela, resfriado comum, conjuntivite, sarampo e COVID-19. O contato ou picada com animais hospedeiros é outra forma de transmissão indireta, mas isso não nos interessa aqui.

Felizmente, o vírus não pode permanecer ativo por muito tempo fora do corpo humano. Nos últimos dias, surgiram os primeiros estudos sobre a permanência do COVID-19 no meio ambiente. Um trabalho publicado no *The New England Journal of Medicine* [1] analisa a persistência do vírus em diferentes superfícies e conclui que ele pode se manter viável, no ar, por até 3 horas, 4 no cobre e até 24 horas no papelão. Nos plásticos e aço inoxidável, o vírus permaneceu em níveis de atividade por até 72 horas depois. No entanto, outro artigo recente [2] sugere tempos de permanência mais longos, dependendo das cepas. No caso do metal, pode durar entre 5 e 9 dias e até 4 dias no papel.

A permanência do vírus depende das condições ambientais de temperatura, umidade e luz. Por esse motivo, seu comportamento no exterior pode ser muito diferente daquele produzido em laboratório. O coronavírus TGEV, em condições de laboratório, tem estabilidade de 3 a 28 dias a 20°C [68.0 °F], mas a 4°C [39.2 °F] sua permanência aumenta para 28 dias. A 30°C [86°F], desaparece entre 4 e 96 horas (Kampf, 2020). Também é lógico pensar que, em ambientes úmidos, o vírus teria maior estabilidade do que em condições secas. Finalmente, o efeito desinfetante da radiação ultravioleta é bem conhecido: a excessiva iluminação natural em dias de sol forte contribui para reduzir a carga viral no ambiente.

Além da profilaxia, medidas ativas são as mais eficazes na luta contra o COVID-19. A limpeza com desinfetantes é muito eficaz e as autoridades sanitárias o reiteram continuamente. Lavar as mãos com sabão por mais de 20 segundos é sem dúvida a melhor medida de proteção pessoal. Quanto à limpeza de superfícies contaminadas, soluções diluídas de alvejante doméstico, com um teor mínimo de 0,1% de hipoclorito de sódio, aquelas contendo 0,5% de peróxido de hidrogênio, soluções alcoólicas com um teor superior a 70 % de etanol ou álcool isopropílico e os desinfetantes domésticos mais comuns registrados na EPA devem ser eficazes contra o coronavírus [3].

Neste ponto, devemos considerar se é necessário desinfetar livros para evitar contágio. Nossa opinião é contrária à desinfecção. Os produtos que são eficazes em superfícies duras ou desinfetam plásticos ou

roupas são prejudiciais ao papel ou às tintas e podem causar oxidação e hidrólise ácida da celulose, dissolução de tintas com pontas de fibra e de anotações com caneta ou marcador, além de esmaecer a cor. Ao usar a água como veículo, eles são duplamente inadequados, pois geram enfraquecimento do suporte, deformações e solubilização dos adesivos da encadernação. A esterilização com radiação UV pode parecer mais inofensiva, mas causaria uma forte oxidação nos suportes e só seria eficaz nas partes expostas à radiação. As mais ocultas, como a área de costura nos livros encadernados ou dentro das abas das encadernações rústicas modernas são inacessíveis à radiação UV e, portanto, poderiam continuar retendo sua carga viral por horas. Portanto, a radiação UV também não é uma boa solução.

No entanto, como o vírus pode permanecer por dias em papel e plástico, é necessário manter as precauções com os livros que tenham sido expostos ao vírus, principalmente se for um material que esteve em contato direto com pacientes afetados pelo COVID- 19. Paradoxalmente, a desinfecção mais eficaz seria não fazer nada, esperar e manter os livros em quarentena por pelo menos 14 dias. Dessa forma, impediríamos com segurança a transmissão indireta em qualquer um dos materiais com os quais os livros são feitos (papel, papelão, tecido ou plástico) e não correríamos o risco de danificá-los ao aplicar produtos que causam efeitos químicos e físicos nos documentos.

Apesar do COVID-19 permanecer conosco por apenas alguns meses, várias recomendações foram publicadas sobre como agir em arquivos e bibliotecas diante da transmissão indireta do vírus. Apenas alguns dias atrás, Lara Ewen publicou um excelente resumo sobre o impacto do vírus nas bibliotecas, que destaca a importância da quarentena como a medida de controle mais eficaz. O artigo completo está disponível em <https://americanlibrariesmagazine.org/blogs/the-scoop/how-to-sanitize-collections-covid-19/> . Além disso, o prestigiado NEDCC publicou uma sucinta e clara ficha técnica, disponível em <https://www.nedcc.org/free-resources/preservation-leaflets/3.-emergency-management/3.5-disinfecting-books> . Finalmente, Mary Striegel, curadora científica do Centro Nacional de Tecnologia e Treinamento em Preservação (NCPTT), publicou um vídeo na semana passada, descrevendo os cuidados básicos para diferentes materiais culturais sob risco de infecção por coronavírus. Está disponível em <https://www.ncptt.nps.gov/blog/covid-19-basics-disinfecting-cultural-resources/>.

## Conclusão

Os materiais documentais podem ser transmissores indiretos da doença desde que tenham estado em contato com pessoas doentes. No entanto, o vírus não pode permanecer viável por um longo tempo e o tratamento viricida de superfícies contaminadas é uma medida eficaz para seu controle, embora, na prática, não seja recomendado para materiais culturais. Felizmente, a quarentena, sim, é eficaz. O tempo joga contra a estabilidade do vírus e, no caso do papel, desaparece, segundo estudos publicados, em cerca de cinco dias.

Recomenda-se seguir um protocolo de ação simples para a manipulação de materiais que entraram em contato com pacientes com COVID-19 [4]:



- Lave as mãos frequentemente com um desinfetante para as mãos à base de álcool ou, de preferência, com água e sabão por 40 segundos.
- Evite contato próximo com pessoas doentes.
- Evite tocar nos olhos, nariz e boca sem lavar as mãos.
- Limpe e desinfete objetos e superfícies tocados com frequência, como maçanetas, prateleiras, etc.
- As máscaras faciais devem ser usadas por todos para proteger a si e às pessoas saudáveis. Devem ser usadas por pacientes infectados e pelas pessoas que cuidam dos doentes.
- Não recicle luvas ou máscaras.
- Não toque na máscara com as mãos e remova-a com segurança para descarte após o uso.
- Os livros usados por pessoas doentes devem ser colocados em um saco plástico de fechamento duplo. Uma vez o livro dentro, limpe a parte externa da embalagem com um produto viricida (água e água sanitária). Tome cuidado para que a solução de limpeza não penetre. Depois de limpo, mantenha-o em uma área segura por 14 dias.
- Finalizada a quarentena, o livro poderá ser consultado novamente sem risco.

Finalmente, apenas dizendo que as bibliotecas públicas e outros estabelecimentos com material bibliográfico também devem permanecer em uma quarentena mínima de 14 dias. Não será necessário esterilizar os documentos, mas sim manter a higiene adequada segundo as recomendações das autoridades sanitárias.

## Referências

[1] Holbrook Myndi G. et al. (2020) “Aerosol and Surface Stability of SARS-CoV-2 as Compared with SARS-CoV-1”, en *The New England Journal of Medicine*, disponible en <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMc2004973?articleTools=true> (acceso 31/03/2020).

[2] Kampf, G. (2020), “Persistence of coronaviruses on inanimate surfaces and their inactivation with biocidal agents”, en *Journal of Hospital Infection*, disponible en [https://www.journalofhospitalinfection.com/article/S0195-6701\(20\)30046-3/pdf](https://www.journalofhospitalinfection.com/article/S0195-6701(20)30046-3/pdf) (acceso 31/03/2020).

[3] Un listado actualizado de productos virucidas aprobado por el Ministerio de Sanidad puede encontrarse en [https://www.mscbs.gob.es/en/profesionales/saludPublica/ccayes/alertasActual/nCov-China/documentos/Listado\\_virucidas.pdf](https://www.mscbs.gob.es/en/profesionales/saludPublica/ccayes/alertasActual/nCov-China/documentos/Listado_virucidas.pdf).

[4] Información detallada en [https://elpais.com/sociedad/2020/03/13/actualidad/1584102347\\_992993.html](https://elpais.com/sociedad/2020/03/13/actualidad/1584102347_992993.html) (acceso 31/01/2020)

[Arsenio Sánchez Hernampérez](#)

Departamento de Preservación y Conservación de Fondos, Biblioteca Nacional de España

---

Texto traduzido por Fernanda Mokdessi Auada, Conservadora de Papel em Sao Paulo, Brasil.

---